

Família Missionária Verbum Dei
Caderno de Oração Quaresma/Páscoa 2019

Quaresma, um estilo de vida



«Deixa-te guiar pelo Espírito»
Rm 8, 14

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Joana Galvão Teles
Leonor Balcão Reis
Pedro Neves

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Quaresma, um estilo de vida

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Quaresma
8	6 Março - Quarta-feira de Cinzas
16	10 Março - Domingo I da Quaresma
21	17 Março - Domingo II da Quaresma
25	24 Março - Domingo III da Quaresma
29	31 Março - Domingo IV da Quaresma
33	7 Abril - Domingo V da Quaresma
	PARTE II Semana Santa e Páscoa
38	14 Abril - Domingo de Ramos
42	18 Abril - Quinta-feira Santa
46	19 Abril - Sexta-feira Santa
50	20 Abril - Vigília Pascal
54	21 Abril - Domingo de Páscoa
	PARTE III Do Panamá para Lisboa um desafio
60	Introdução
61	Discurso do Santo Padre aos jovens na Vigília da Jornada Mundial da Juventude
68	Homilia do Papa Francisco na Jornada Mundial da Juventude
74	'Preparem-nas bem'
75	Os jovens não são o futuro
77	Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

Quaresma, um estilo de vida

A tradição da Igreja de viver a liturgia em tempos concretos, chamados *Tempos Litúrgicos*, às vezes, atraiçoa-nos. Há em nós certos compartimentos, espaços de tempo limitados, lugares apropriados para vivê-los; e assim o dizemos:

- Agora, vivo o Advento; e, neste mês, começo a viver a Quaresma e, hoje, eis que chega a Páscoa...

Aquilo que nós, cristãos, temos de viver é um “estilo de vida evangélico”, ao jeito de Jesus de Nazaré; quer dizer, uma vida, dia a dia, coerente com a fé e com ela consequente.

A Quaresma não se esgota em 40 dias, nem a Páscoa se resume a 50. O Advento, o Tempo Comum, a Quaresma, a Páscoa... são a vida, são a “minha vida”, ou, até, a própria Vida. Por isso, a Quaresma não é uma vida de uns quantos dias, mas sim uma forma de viver que posso concretizar qualquer que seja o dia, nos mil e um acontecimentos que ocorram.

Quando dizemos que a Quaresma é tempo de oração, jejum e esmola, que ideia temos em mente? Que no resto do ano não temos de ter uma relação orante com Deus? Ou que, fora da Quaresma, não importa sermos austeros, renunciando ao que nos dá conforto ou distrai, ou que podemos dar-nos ao luxo de ser débeis e claudicar, em tantos gostos e caprichos... E também crermos que, quando termina a Quaresma, ninguém necessita da nossa ajuda e que podemos ser os maiores consumistas do mundo?

Acreditar nisso seria enganarmo-nos totalmente. O que a Igreja faz com os tempos litúrgicos é ajudar-nos a intensificar o olhar para aspetos da vida de Jesus, para que nos vamos contagiando e aprendamos, pouco a pouco, a vivificar os Seus critérios, a Sua

forma de pensar e os Seus valores. Estes tempos litúrgicos são como um memorial, uma chamada de atenção, um incentivo a aprofundar, a que nos toque profundamente e, sobretudo, a deixarmos, como Jesus, guiar pelo Espírito, que era o que Lhe ia marcando o caminho.

No tempo da Quaresma (o qual, mais que uma prática pontual pode ser sempre um estilo de vida), o Espírito convida-nos a ir por caminhos de opções, também a saber valorizar que o importante, o fundamental, o autêntico é viver a partir de Deus e da Sua Palavra, como aconteceu com Jesus, no deserto. O Espírito, sem dúvida, sabe o que mais nos convém, aquilo de que precisamos e que, por nós mesmos, não procuraríamos, porque nos parece negativo, cansativo, difícil... quando, na realidade, é o que nos dá a Vida.

Acostumemo-nos, nesta Quaresma, a deixarmos-nos guiar pelo Espírito, para que Este impulse e oriente a nossa vida, como o fez com Jesus.



Libertar o Coração

Este tempo que iniciamos, com a imposição das cinzas, convida-nos a colaborar de forma consciente na libertação do coração. A esmola, a oração e o jejum são meios concretos que libertam o nosso coração, para que se encha de Deus e Lhe deixemos espaço para que possa viver em nós. A esmola liberta-nos do afã de possuir e oferece-nos o presente da fraternidade, de compartilhar e ajudar o que menos tem. A oração liberta-nos da solidão e da autossuficiência. Vai-nos tornando amigos de Jesus, com uma dependência amorosa no que Lhe respeita. O jejum recorda-nos que somos limitados, não podemos ter tudo o que desejamos e ajuda-nos a reconhecer que, às vezes, a vida é “um não”.

(Vicente Esplugues no “Evangelho Popular 2019”)

parte I

Quaresma

“Nesta Quaresma, aproxima-te do Espírito”

Jl 2,12-18 «Diz agora o Senhor: “Voltai para mim de todo o coração, com jejuns, lágrimas e lamentações. Voltai para o Senhor, vosso Deus, que é clemente e compassivo, lento para a ira, rico de bondade e desiste dos castigos que manda.”» (Jl 2)

Sl 50 (51)

2 Cor 5,20–6,2

Mt 6,1-6.16-18

«Criai em mim, ó Deus, um coração puro, renovai em mim a firmeza de alma; não me atireis para longe da vossa presença, não afasteis de mim o Vosso Espírito Santo.» (Sl 50)

«Em nome de Cristo suplicamo-vos: reconciliai-vos com Deus (...) Pois Ele diz: No tempo favorável, ouvi-te e, no dia da salvação, vim em teu auxílio. É este o tempo favorável, é este o dia da salvação.» (2 Cor)

A esmola - «Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para vos tornardes notados por eles; de outro modo, não tereis nenhuma recompensa do vosso Pai que está no Céu. Quando, pois, deres esmola, não permitas que toquem trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem louvados pelos homens. Em verdade vos digo: Já receberam a sua recompensa. Quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita, a fim de que a tua esmola permaneça em segredo; e teu Pai, que vê o oculto, há de premiar-te.»

A oração - «Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há de recompensar-te.»

O jejum - «E, quando jejuardes, não mostreis um ar sombrio, como os hipócritas, que desfiguram o rosto para que os outros vejam que eles jejuam. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando jejuares, perfuma a cabeça e lava o rosto, para que o teu jejum não seja conhecido dos homens, mas apenas do teu Pai que está presente no oculto; e o teu Pai, que vê no oculto, há-de recompensar-te.» (Mt 6)



Este dia de Quarta Feira de Cinzas, início da Quaresma, está relacionado com um sentimento de recolhimento, de arrependimento, de olhar para as nossas limitações, fragilidades. Em tempo de Quaresma, também somos convidados a ter atitudes de esmola, oração e jejum.

Desta vez, para além do “habitual”, o que me tocou nestas leituras foi o chamamento para nos aproximarmos de Deus, para chegarmos mais perto e permanecermos juntos, para viver em maior intimidade e cumplicidade.

Deus Pai chama-nos hoje, neste momento, a cada um de nós, quaisquer que sejam as circunstâncias, as fases da vida, o estado interior...

«É este o tempo favorável, é este o dia da salvação.» (2 Cor).

- Estou atento ao chamamento do Pai?
- De que formas sou chamado(a) na minha vida?
- Como me sinto por dentro?

Desafios... _____

Sonhos... _____

Medos... _____

Culpas... _____

- Como respondo a este convite?
 - Finjo que não é para mim?
 - Ouço sem entusiasmo? Sem esperança?
 - Procuro abrir-me à novidade?
 - Arrisco a encontrar novas formas de resposta?

Este dinamismo de aproximação pode ser vivido de várias formas. Convido a procurarmos na Palavra de Deus alguns exemplos que nos podem ajudar:

a) Voltarmo-nos para Deus – Confiança/ Fé

“Voltai para mim de todo o coração”

Este convite não poderia ser mais direto...

De que estamos à espera para nos lançarmos nos braços de Deus Pai, que está sempre pronto a nos receber com um abraço do tamanho do Mundo?

Sem medos, sem “mas...”, simplesmente como somos, como estamos, com o que temos e com o que não temos, *“com jejuns, lágrimas e lamentações”*, com alegrias, sonhos, esforços... simplesmente “eu”.

Jesus, pedimos-te que nos ensines a confiar, que nos dês fé para nos abandonarmos no Amor de Deus.

b) Reconciliarmo-nos – Perdão

Olho à volta e vejo uma grande urgência de reconciliação. Para além de me estar a referir aquilo que é óbvio (as guerras, os desentendimentos a que assistimos todos os dias à escala mundial), estou a pensar principalmente em todos os “fardos” que cada um carrega dentro de si.

Aproximemo-nos de Jesus, de coração aberto, para descobrirmos juntos quais são as nossas mágoas mais profundas, as nossas feridas que precisam de ser curadas.

Neste momento, preciso de me reconciliar, em primeiro lugar, com que aspeto da minha vida?

Com os meus pais? Com os meus filhos? Com os meus irmãos? Com o meu marido ou a minha mulher? Com algum familiar? Com algum amigo? Com algum colega de trabalho ou da escola? Com o meu chefe ou o meu professor? Com alguém da minha comunidade?

Comigo próprio(a)? Com as minhas opções? Com o meu trabalho? Com o meu casamento? Com Deus? Com a Natureza? Com o Mundo? Com a Vida?

“Em nome de Cristo suplicamo-vos: reconciliai-vos com Deus (...) Pois Ele diz: No tempo favorável, ouvi-te e, no dia da salvação, vim em teu auxílio.”

Temos a confiança de que somos amados por Deus, de tal forma que Ele nos pode curar todas as feridas, se nos abirmos ao seu Amor. E assim, viveremos mais “leves” e como “instrumentos” da sua Paz.

c) Darmo-nos / Entregarmo-nos – Amor / Caridade “esmola”

Cheios do Amor de Deus, curados das nossas “feridas”, estamos prontos e animados para viver a vida como um dom e como serviço aos outros, para que também possam experimentar o mesmo, ou ainda mais.

Quais são as boas obras a que me sinto chamado a viver nesta Quaresma?

d) Deixarmo-nos guiar pelo Espírito Santo – Presença “oração”

Para nos mantermos em sintonia com o Deus do Amor e do Perdão, para nos continuarmos a alimentar e deixarmo-nos amar, precisamos de manter o diálogo, a convivência, a presença.

“...entra no quarto mais secreto”

Neste tempo favorável, o que posso fazer para dar prioridade a esta intimidade e cumplicidade com Deus? Tempos diários? Tempos especiais?

e) Libertarmo-nos – Esperança “jejum”

No concreto da vida, não é fácil mantermos esta fidelidade e intensidade...

Tudo é muito complexo, absorvente. A rotina diária é exigente, por vezes difícil...

De que precisamos de nos libertar, de prescindir, para vivermos o essencial?

Que jejuns tenho que fazer para viver o que realmente importa?

Vivamos este tempo com Esperança, pois sabemos que...

«É este o tempo favorável, é este o dia da salvação.» (2 Cor)

«...o teu Pai, que vê no oculto, há-de recompensar-te.» (Mc 6)



Este é o tempo...

Este é o tempo da misericórdia. Cada dia da nossa caminhada é marcado pela presença de Deus, que guia os nossos passos com a força da graça que o Espírito infunde no coração para o plasmar e torná-lo capaz de amar. É o tempo da misericórdia para todos e cada um, para que ninguém possa pensar que é alheio à proximidade de Deus e à força da sua ternura. É o tempo da misericórdia para que quantos se sentem fracos e indefesos, afastados e sozinhos possam individuar a presença de irmãos e irmãs que os sustentam nas suas necessidades. É o tempo da misericórdia para que os pobres sintam pousado sobre si o olhar respeitoso mas atento daqueles que, vencida a indiferença, descobrem o essencial da vida. É o tempo da misericórdia para que cada pecador não se canse de pedir perdão e sentir a mão do Pai, que sempre acolhe e abraça.

(Carta Apostólica *Misericordia et misera*, Papa Francisco)

Um convite ao Retiro!

Dt 26,4-10 «Naquele tempo, Jesus, cheio do Espírito Santo, retirou-Se das margens do Jordão.

Sl 90 (91) Durante quarenta dias, esteve no deserto, conduzido pelo Espírito, e foi tentado pelo

Rm 10,8-13 Diabo. Nesses dias não comeu nada e, passado esse tempo, sentiu fome. O Diabo

Lc 4,1-13 disse-lhe: “Se és Filho de Deus, manda a esta pedra que se transforme em pão”. Jesus

respondeu-lhe: “Está escrito: ‘Nem só de pão vive o homem’”. O Diabo levou-O a um lugar alto e mostrou-Lhe num instante todos os reinos da terra e disse-Lhe: “Eu Te darei todo este poder e a glória destes reinos, porque me foram confiados e os dou a quem eu quiser. Se Te prostrares diante de mim, tudo será teu”. Jesus respondeu-lhe: “Está escrito: ‘Ao Senhor teu Deus adorarás, só a Ele prestarás culto’”. Então o Diabo levou-O a Jerusalém, colocou-O sobre o pináculo do templo e disse-Lhe: “Se és Filho de Deus, atira-Te daqui abaixo, porque está escrito: ‘Ele dará ordens aos seus Anjos a teu respeito, para que Te guardem’; e ainda: ‘Na palma das mãos te levarão, para que não tropeces em alguma pedra’”. Jesus respondeu-lhe: “Está mandado: ‘Não tentarás o Senhor teu Deus’”. Então o Diabo, tendo terminado toda a espécie de tentação, retirou-se da presença de Jesus, até certo tempo.»

(Lc 4, 1-13)



a leitura deste Domingo, Lucas relata-nos a experiência de Jesus no deserto... No deserto, o espaço físico, na Judeia, o qual podemos visitar e conhecer. Mas fala-nos também, porventura, da experiência de “deserto” que Jesus vivia no Seu interior!

Lucas começa por nos contar que *“Jesus, cheio do Espírito Santo, retirou-Se das margens do Jordão”* e ficou pelo deserto...

“Deserto” - que experiências, sensações me trazem esta palavra? Que sentido dou ao “deserto” que Jesus viveu?

Quando meditamos sobre este episódio bíblico, o “deserto” tem normalmente uma conotação negativa, pesada, acarreta sofrimento, um espaço de tentação...

Esta palavra pode, no entanto, abarcar outras dimensões, como: solidão, essência e fé.

SOLIDÃO: no presente, já não se admite que se pare, que fiquemos algum tempo a sós, connosco próprios, com Deus... A verdade é que experimentar “só” pode ser também “chave” para uma visão mais adequada sobre si mesmo e sobre a envolvente.

A solidão pode trazer-me uma perspetiva alargada da vida, pode transportar-me para o encontro. Jesus, na solidão do deserto, experimentou a relação com Deus que é única, pessoal e a experiência que... “só” Deus basta!

Neste tempo de Quaresma, paremos as nossas distrações... Temos tanta coisa que nos “desvia” a atenção a todo o momento. A imagem do “deserto” pode trazer-nos a ESSÊNCIA da vida. Aquilo que noutra lugar é escasso, no deserto é muito, transbordante. A experiência de “deserto” pode reposicionar-nos na nossa própria vida.

A experiência de “deserto” que passamos nas nossas vidas não tem que nos enfraquecer... Bem pelo contrário! Pode reforçar-nos as convicções, limpar-nos “a vista”, reforçar a nossa confiança. É que a Fé vem à superfície na tribulação. À imagem do caminhar no deserto, é quando as “areias da vida” se tornam movediças e o “sol queima” e nos agarramos com unhas e dentes à vida que nos corre nas veias que a fé se faz sentir!

Jesus não terá tido mais tentações no deserto do que em qualquer outro sítio por onde tenha passado... Mas esta experiência de deserto que nos é relatada foi vivida de forma exclusiva com o Pai! A “exclusividade” a Deus acaba por assegurar sempre muita fecundidade, frutos que permanecem para a vida...

Se é na escassez oferecida pelo deserto que o Espírito Santo pode preencher, assumir-se no nosso coração, ganhar força, então o convite é para que vivamos nesta Quaresma um verdadeiro deserto interior, onde asseguremos o tempo para estar a sós com o Pai, com o desprendimento do supérfluo e com a esperança em nós mesmos e no Mundo que só a Fé pode oferecer!



7ª meditação: Maior obstáculo à vida de Deus em nós não é a fragilidade mas a rigidez

O que mais se opõe à vida de Deus dentro de nós não é a fragilidade, mas o orgulho, sublinhou na tarde desta quarta-feira o P. José Tolentino Mendonça, na sétima meditação que propôs ao Papa Francisco e a membros da Cúria Romana.

(...)

«A humanidade que temos dificuldade em abraçar, a nossa própria e a dos outros, é a humanidade que Jesus abraça verdadeiramente, dado que Ele se inclina com amor sobre a nossa realidade, e não sobre a idealização de nós mesmos que construímos. O mistério da encarnação do Filho de Deus, em suma, comporta para nós uma visão não ideológica da vida», destacou.

A sede, em certo sentido, humaniza o ser humano e constitui uma via de «amadurecimento espiritual». É preciso muito tempo para perder a mania das coisas perfeitas, para vencer o vício de sobrepor as falsas imagens à realidade. Como escreve Thomas Merton, Cristo quis identificar-se com o que não gostamos de nós próprios, dado que tomou sobre si a nossa miséria e o nosso sofrimento. S. Paulo testemunha a Fé com uma hipótese paradoxal: «Quando sou fraco é então que sou forte».

«O grande obstáculo à vida de Deus dentro de nós não é a fragilidade ou a fraqueza, mas a dureza e a rigidez. Não é a vulnerabilidade e a humilhação, mas o seu contrário: o orgulho, a autossuficiência, a autojustificação, o isolamento, a violência, o delírio do poder. A força de que temos verdadeira necessidade, a graça que precisamos, não é nossa, mas de Cristo», frisou.

«Se nos dispusermos à escuta, a sede pode ser um mestre precioso da vida interior», assinalou o P. Tolentino Mendonça, que, seguidamente, se centrou nas três tentações de Jesus no deserto, antes do início da vida pública, narrativa proclamada no Evangelho das missas celebradas no passado domingo, o primeiro da Quaresma.

Sobre a tentação do pão, o biblista assinalou que Jesus conhece as necessidades materiais humanas, mas recorda que não só de pão vive o homem; a sua resposta não é para nos fazer evadir desta realidade, mas para a fazer considerar como um lugar que deve ser marcado pelo Espírito.

Acerca da segunda tentação, o sacerdote evocou a passagem do povo de Israel no deserto, a caminho da Terra Prometida, quando exigiu a Moisés que lhe desse de beber; para acreditar, queremos ver a nossa sede satisfeita, mas Jesus «ensina-nos a entregar o silêncio, o abandono e a sede como oração».

Na última tentação, em que Jesus responde a Satanás «o Senhor teu Deus adorarás; só a Ele prestarás culto», o P. Tolentino recordou que a Cristo ressuscitado foi dado todo o poder no Céu e na Terra.

O diabo quer ser adorado, mas o seu poder é aparência, enquanto que o do Ressuscitado faz parte do mistério da cruz, da oferta extrema de Si. É um risco enorme quando a tentação do poder, em escala mais ou menos maior, nos afasta do mistério da cruz, quando nos afasta do serviço aos irmãos.

Jesus, ao contrário, ensina a não nos deixarmos escravizar por ninguém e a não fazer de ninguém escravo, mas a prestar culto só a Deus e a servir: «Nós não somos proprietários, somos pastores».

“Mestre, é bom estarmos aqui. Façamos três tendas”

- Gn 15,5-12.17-18 «Uns oito dias depois destas palavras, levando consigo Pedro, João e Tiago, Jesus subiu ao monte para orar. Enquanto orava, o aspeto do seu rosto modificou-se, e as suas vestes tornaram-se de uma brancura fulgurante. E dois homens conversavam com Ele: Moisés e Elias, os quais, aparecendo rodeados de glória, falavam da sua morte, que ia acontecer em Jerusalém.
- Sl 26 (27)
- Fl 3,17-4,1
- Lc 9,28b-36

Pedro e os companheiros estavam a cair de sono; mas, despertando, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com Ele.

Quando eles iam separar-se de Jesus, Pedro disse-lhe: “Mestre, é bom estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias.” Não sabia o que estava a dizer.

Enquanto dizia isto, surgiu uma nuvem que os cobriu e, quando entraram na nuvem, ficaram atemorizados.

E da nuvem veio uma voz que disse: “Este é o meu Filho predileto. Escutai-o.” Quando a voz se fez ouvir, Jesus ficou só. Os discípulos guardaram silêncio e, naqueles dias, nada contaram a ninguém do que tinham visto.»

(Lc 9, 28-36)



o ler este evangelho não posso deixar de me lembrar do Padre Armindo, antigo prior da Paróquia do Campo Grande.

Na missa do final de um Encontro de jovens, na Casa de Retiros de Vale de Lobos, foi este o Evangelho. O padre Armindo, que celebrava essa missa, disse-nos que era muito bom estarmos ali naquela “redoma” todos juntos, todos em uníssono. Mas Deus tinha-nos dado uma missão e essa missão estava “lá fora”: nas nossas famílias, nas nossas escolas, em todos os meios por onde andávamos.

Obrigada Pai, por nos dares a oportunidade de Te conhecer, de saber que o Teu Amor é o mais importante nas nossas vidas. Obrigada Pai por teres posto o teu “Filho predileto” no meio de nós. Que nós O saibamos escutar, que nós O saibamos compreender, seguir, partilhar a Sua Boa Nova.

No mundo atual, onde tantos andam à procura de algo espiritual, sinto-me uma privilegiada por Te conhecer há tanto tempo. Sinto-me uma privilegiada por ter tido tantas pessoas na minha vida a darem a conhecer o Deus do Amor, a começar pelos meus pais, passando pelo Padre Armindo, pela comunidade da Paróquia do Campo Grande, por vários colegas na Universidade e no trabalho. Vejo agora tanta gente com 30, 40, 50 anos a descobrir a necessidade e as maravilhas da Espiritualidade e do Amor. Procuramos o Amor de Deus em tantos sítios e, de facto, Ele manifesta-se de tantas formas. E eu, o que ando a fazer com essa riqueza dentro de mim há tanto tempo? Será que fiquei numa das tendas, com Pedro, Tiago e João? Ou será que tenho capacidade para partilhar o Teu Amor com todos os que me rodeiam?

Nesta Quaresma saibamos parar para orar com Jesus, saibamos fazer silêncio para O ouvir: «*Este é o meu Filho predileto. Escutai-o.*». Saibamos parar com frequência num local calmo, ler a palavra

de Deus, deixar o Seu Amor entrar nos nossos corações. Se tivermos o nosso coração cheio do Seu Amor as nossas vidas terão que ser diferentes. Qual o tempo que guardamos para O ouvir entre todos os afazeres que temos no dia a dia: o trabalho, o ginásio, as reuniões familiares e de amigos?

O Amor de Deus não nos pode deixar indiferentes. Vivamos cada dia desta Quaresma desfrutando do Amor de Deus, da Sua presença nas nossas vidas. Escutemos as Suas palavras, que devem fazer eco nas nossas ações de cada dia. Que saibamos partilhar esse Amor com todos os que nos rodeiam, com todos os que andam em busca de uma Espiritualidade sem saber bem o que procuram.



Surgirá um mundo novo

*Surgirá um mundo novo,
Levantado pela força do amor,
Feito por homens com o coração aberto
Ao espírito de Deus;
E a sua lei será o perdão, e a sua justiça o amor,
Pela fé que eles têm no Senhor.*

*É um só Deus que nos reúne na Sua paz,
derrubando as muralhas com que fomos separados.
Um mesmo batismo, uma mesma fé;
Pela cruz Ele conseguiu vencer a morte,
Ele criou, em si mesmo, um Homem Novo.*

*Gentes de toda a raça, língua e nação
constituem este povo dedicado ao Senhor,
sem escravo nem livre, homem nem mulher.
Com Sua força Ele nos tirou das nossas trevas,
cantemos as grandezas do Deus Vivo.*

(Cântico Verbum Dei)

Este amor dará muito fruto

- Ex 3,1-8a13-15 «Nessa ocasião, apareceram alguns a falar-lhe dos galileus, cujo sangue Pilatos tinha misturado com o dos sacrifícios que eles ofereciam. Respondeu-lhes: “Julgais que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros galileus, por terem assim sofrido? Não, Eu vo-lo digo; mas, se não vos converterdes, perecereis todos igualmente. E aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre

de Siloé, matando-os, eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não, Eu vo-lo digo; mas, se não vos converterdes, perecereis todos da mesma forma.” Disse-lhes, também, a seguinte parábola: “Um homem tinha uma figueira plantada na sua vinha e foi lá procurar frutos, mas não os encontrou. Disse ao encarregado da vinha: ‘Há três anos que venho procurar fruto nesta figueira e não o encontro. Corta-a; para que está ela a ocupar a terra?’ Mas ele respondeu: ‘Senhor, deixa-a mais este ano, para que eu possa escavar a terra em volta e deitar-lhe estrume. Se der frutos na próxima estação, ficará; senão, poderás cortá-la.’”»

(Lc 13, 1-9)



meu avô materno, que viveu até aos 93 anos, tinha por hábito, quando íamos na rua – a certos momentos da conversa – parar (se preciso fosse, segurando-nos no braço, para pararmos também), e ficar, calmamente, a desenvolver um ou outro tópico importante, antes de retomarmos o caminho. Naquela altura, com a pressa que sempre temos para tudo e para nada, estas pausas, embora não me desagradassem, faziam-me pensar no tempo que demorávamos a fazer cada percurso... Apesar disso, o muito amor que lhe tinha acalmava a minha impaciência! Hoje, ao preparar estas pistas, recordei-me daqueles momentos e pensei que a Quaresma deveria ser uma caminhada semelhante aos passeios que fazia com o meu avô - com pausas, para melhor podemos conversar com Deus sobre os temas mais importantes.

Estamos já na terceira semana desta Quaresma e será que já parámos o suficiente? Como têm sido os nossos momentos de oração? Que estratégias estamos a usar para vivermos bem esta época tão especial para os cristãos, sabendo que as semanas de escola e de trabalho não se compadecem com a nossa vontade de ter tempo para estar mais perto do caminho de Jesus, do nosso caminho? Talvez o Evangelho de hoje, que é tão rico, nos dê pistas para uma oração rica, que dê muito fruto. Muito e bom, já que também é a qualidade que procuramos – na oração, no nosso caminho e na relação com Deus.

O Evangelho começa por nos alertar para algo que nem sempre conseguimos ter presente: o sofrimento faz parte da nossa vida e não há uma relação entre o quanto pecamos e o que sofremos – “Julgais que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros galileus, por terem assim sofrido? Não, Eu vo-lo digo; mas, se não vos converterdes, perecereis todos igualmente”. Decerto que todos passámos já por dias difíceis, por trilhos tortuosos, por momentos de escuridão. E, muitas vezes, pensámos “Ele é tão bom,

não merecia o que lhe acontece”... Ou mesmo “Que mal fiz eu?”. Contudo, Jesus diz-nos que o sofrimento não é um castigo, ele é parte da vida. E que todos nós temos de nos centrar na conversão, na adesão à Sua mensagem de amor, pois é o amor que nos salva – e não a contabilidade. É olhando para os outros com amor que seguimos o caminho de Jesus. Essa escolha, que é nossa, de conversão ao bem maior que é este amor, não faz o sofrimento desaparecer da nossa vida. Mas ajuda-nos, em cada dia, a viver uma vida melhor, mais plena e com mais sentido, com a certeza de que Deus está connosco.

Em seguida, Jesus conta uma parábola maravilhosa. Como em todas as parábolas, podemos pôr-nos no lugar das várias personagens e observar que, em momentos e circunstâncias diferentes da nossa vida, somos cada uma delas. Por vezes, somos o homem que, impaciente porque as coisas não acontecem como era previsto (ou segundo a sua vontade), quer desistir - porque já não vale a pena esperar que dali saia algo de bom -, aquela “figueira” só está a “ocupar a terra”; em dias melhores, somos o encarregado, que pede paciência, que está disposto a fazer mais um esforço, a dedicar recursos e tempo àquele projeto que parece perdido. Talvez ele não tenha tido tempo ou vontade, em anos anteriores, para dar atenção àquela figueira em particular, ou talvez lhe tenha dado atenção, mas ainda não tivesse chegado o seu momento de dar fruto; por fim, somos – muitas vezes – a própria figueira. Que, por uma qualquer razão, deixa passar os anos sem que a sua vida dê os frutos que pode dar. E talvez tenha agora chegado o dia. O dia em que reconhecemos que o tempo de Deus nem sempre é o tempo do homem, em que não duvidemos que Deus não desiste de esperar que nós escolhamos o caminho que dá frutos.

Que, nesta Quaresma, consigamos reconhecer a presença de Deus na nossa vida e aderir cada dia mais, e melhor, ao apelo de amor que Jesus nos trouxe, com a certeza de que este amor irá dar muito fruto!

Pegadas na Areia

*Sonhei que estava caminhando na praia
juntamente com Deus.*

*E reví, espelhado no céu,
todos os dias da minha vida.*

*E, em cada dia vivido,
apareciam na areia duas pegadas:
as minhas e as d'Ele.*

*No entanto, de quando em quando,
vi que havia apenas as minhas pegadas,
e isso precisamente
nos dias mais difíceis da minha vida.*

Então perguntei a Deus:

*"Senhor, eu quis seguir-Te,
e Tu prometeste ficar sempre comigo.
Porque me deixaste sozinho,
logo nos momentos mais difíceis?"*

Ao que Ele respondeu:

*"Meu filho, Eu amo-te e nunca te abandonei.
Os dias em que viste só um par de pegadas na areia
são precisamente aqueles
em que Eu te levei nos meus braços."*



Amor incondicional

- Js 5,9a.10-12 «”Comamos e festejemos, porque este meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi reencontrado”. E começou a festa. Ora o filho mais velho estava no campo. Quando regressou, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo. O servo respondeu-lhe: “O teu irmão voltou e teu pai mandou matar o vitelo gordo, porque ele chegou são e salvo”. Ele ficou ressentido e não queria entrar. Então o pai veio cá fora instar com ele. Mas ele respondeu ao pai: “Há tantos anos que eu te sirvo, sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos. E agora, quando chegou esse teu filho, que consumiu os teus bens com mulheres de má vida, mataste-lhe o vitelo gordo”. Disse-lhe o pai: “Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi reencontrado”.»
- (Lc 15, 24-32)



começou a festa". Era desta forma que terminavam todos os livros do Asterix, com um enorme banquete para celebrar mais uma grande aventura. Mas este caso é diferente. Não havia objetivamente nenhum motivo para celebração, o filho tinha-se comportado de forma indigna, não era o arrependimento que o motivara a regressar, antes a necessidade que se apoderou dele. Numa lógica estritamente humana aquele filho merecia ser castigado, ser chamado à razão, no mínimo deveria ser demonstrado o profundo desconforto que a sua conduta provocava em todos. Mas este pai não se revela justo, nem ponderado, não trata os dois filhos da mesma maneira, porque vislumbra formas e necessidades de ser amado distintas. Ama e acolhe o filho com um amor excessivo; talvez o clima naquela casa, até para os empregados, devesse ser constrangedor, como se um mal-estar se apoderasse daquela festa. O que estariam a dizer nas costas daquele pai? Mas Deus não nos quer apenas justos, equilibrados, que ajamos apenas na proporcionalidade do que o outro merece. A lição de misericórdia desta parábola leva-nos mais além, a um amor que se transforma em injustiça, irracionalidade, que não olha para o que de errado se passou, apenas para a alegria do momento presente. Abdica de um julgamento, limita-se a amar e aceitar.

As relações familiares de quase todos não são muito diferentes. Estão cheias de feridas, de circunstâncias do passado em que alguém falhou, em que se caiu numa perplexidade, no intolerável. Talvez o que mais admiro no meu pai é ter tido sempre a capacidade de sentar à mesa toda a família alargada com enorme serenidade, esquecendo e perdendo tanta coisa. Recordo-me do meu irmão, que passou tantos anos numa universidade privada sem qualquer tipo de aproveitamento, e de o meu pai nunca ter desistido dele, embora a vida que ele levasse não fosse de todo exemplar... Há tantos exemplos à nossa volta desta capacidade inusitada de amar.

O amor de Deus por nós é em tudo semelhante. Dá-nos a liberdade de nos afastarmos, de seguirmos por caminhos que não nos fazem felizes. Está sempre disposto a perdoar-nos e receber-nos de volta.



Misericórdia é compaixão, misericórdia é bondade, misericórdia é perdão, misericórdia é colocar-se no lugar do outro, misericórdia é levar o outro aos ombros, misericórdia é a reconciliação profunda. É tudo isso. Mas é isso realizado também com um determinado estilo, que é o estilo do pai da parábola de Jesus. Não há misericórdia sem dádiva, sem doação. Aquele filho pródigo trazia tantas feridas, manifestas e escondidas, e precisava de ser curado com o bálsamo da misericórdia. A misericórdia não é dar ao outro o que o outro merece. Num efeito ético de inversão, a misericórdia é, podemos afirmá-lo, oferecer ao outro precisamente o que o outro não merece.


(Pe Tolentino Mendonça, “O pai viu-o e encheu-se de compaixão”,
XII encontro Internacional de Equipas de Nossa Senhora, Fátima 2018)

Sabemos qual é a nossa meta!

- Is 43,16-21 «Considero todas as coisas como prejuízo,
comparando-as com o bem supremo, que é
SI 125 (126) conhecer Jesus Cristo, meu Senhor. Por Ele
renunciei a todas as coisas e considereirei tudo
FI 3,8-14 como lixo, para ganhar a Cristo e n'Ele me
encontrar, não com a minha justiça que vem
Jo 8,1-11 da Lei, mas com a que se recebe pela fé em
Cristo, a justiça que vem de Deus e se funda

na fé. Assim poderei conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição e a participação nos seus sofrimentos, configurando-me à sua morte, para ver se posso chegar à ressurreição dos mortos. Não que eu tenha já chegado à meta, ou já tenha atingido a perfeição. Mas continuo a correr, para ver se a alcanço, uma vez que também fui alcançado por Cristo Jesus. Não penso, irmãos, que já o tenha conseguido. Só penso numa coisa: esquecendo o que fica para trás, lançar-me para a frente, continuar a correr para a meta, em vista do prémio a que Deus, lá do alto, me chama em Cristo Jesus.»

(Fl 3, 8-14)

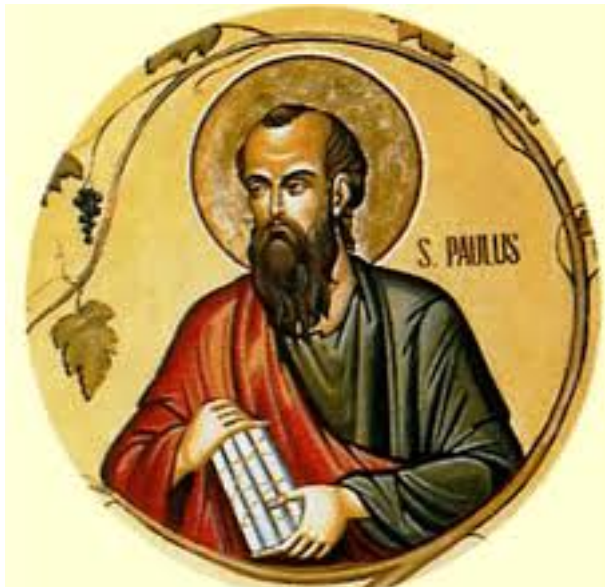
“  ó penso numa coisa: esquecendo o que fica para trás, lançar-me para a frente, continuar a correr para a meta, em vista do prémio a que Deus, lá do alto, me chama em Cristo Jesus.” Ao ler as palavras de São Paulo nesta carta aos Filipenses não consigo deixar de me espantar com o quão ela é parecida na forma com múltiplas palestras de motivação a que tenho assistido ao longo da vida. Dizem-nos que há que aprender com os erros, que o que passou, passou e que não podemos corrigir o passado e que é chegado o momento de definirmos um objetivo pessoal e persistir nele apesar das contrariedades que surgirão, se quisermos vir a sentir o gozo de o ver alcançado. No entanto, contrariamente às múltiplas palestras que pretendem motivar-nos dizendo-nos como fazer, São Paulo fala apenas de si e do que o apaixonou e motiva. E a verdade é que ao ler estas palavras sentimos que elas são encarnadas, são a vida de São Paulo naquilo que ela tem de mais profundo. E isso toca-nos mais do que mil palestras.

Como me sinto interpelado/a com estas palavras de São Paulo? O que me dizem para a minha vida?

Por outro lado, elas são um desafio que nos pode deixar algo angustiados tal é a energia e a vivacidade que transparece. Parecem tão fora do nosso alcance! Como se tudo fossem facilidades para São Paulo, tal era seu o estado de enamoramento pela pessoa de Jesus! Podemos ser tentados a pensar que ele não estava refém de uma realidade como a nossa, onde temos obrigações, desânimos e preocupações que parece que nos toham a capacidade de pensar na meta que é Cristo. Mas ele vê o bem maior que isso representa, o que lhe permite por em perspetiva tudo aquilo que lhe sucede ao longo da vida, inclusive a sua prisão!

Tal como diz São Paulo, o que poderia significar, para mim, Cristo ser verdadeiramente a minha meta? Que influência isso poderia ter na forma como vivo os acontecimentos do meu quotidiano? Será que o meu sentir poderia ter muito mais vivacidade permitindo-me ir mais além do que aquilo que “julgo que consigo alcançar”?

Tendemos a deixar-nos moldar pelo nosso passado, por tudo o que conseguimos até agora - como se vivêssemos a olhar para o espelho retrovisor -, e daí tirar as medidas daquilo que iremos encontrar pela frente. Tal como São Paulo, quando afirma que *“(...) para ganhar a Cristo e n’Ele me encontrar, não com a minha justiça que vem da Lei, mas com a que se recebe pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus e se funda na fé”*, ousemos acreditar que a justiça que vem de Deus, e que se funda na Fé, nos permite ultrapassarmo-nos e surpreendermo-nos a nós próprios, se fizermos de Cristo a verdadeira meta na nossa vida.



Ousar acreditar e ir mais além

(...) Não estamos sozinhos. Abramos os nossos corações para vermos as testemunhas da Fé, perto de nós ou lá bem longe! (...) As testemunhas da Fé levam-nos, pela nossa parte, a entregar a nossa confiança a Deus, para aí encontrar o consolo, mas também a coragem de ir mais além. Deus não age sempre de acordo com a nossa vontade; Ele não é feito à nossa imagem. Ousar acreditar!

Antes de mais a Fé apresenta-se como um risco, o risco da confiança.

Para assumir esse risco temos de contar com todas as nossas capacidades humanas, tanto as do coração como as da razão.

(“Ousar acreditar”, Irmão Alois de Taizé, Ed. Paulinas)

parte II **Semana Santa e Páscoa**

Moldado pela Vontade de Deus

Lc 19,28-40 «Saiu então e foi, como de costume, para o

Is 50,4-7 também com Ele. Quando chegou ao local, disse-lhes: “Orai, para que não entreis em

Sl 21 (22) tentação.” Depois afastou-se deles, à distância de um tiro de pedra, aproximadamente; e,

Fl 2,6-11 pondo-se de joelhos, começou a orar, dizendo: “Pai, se quiseres, afasta de mim este

Lc 22,14–23,56 cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua.” Então, vindo do Céu, apareceu-lhe

um anjo que o confortava. Cheio de angústia, pôs-se a orar mais instantemente, e o suor tornou-se-lhe como grossas gotas de sangue, que caíam na terra.»

(Lc 22, 39-44)





No Domingo de Ramos vive-se a memória da entrada de Jesus em Jerusalém. Este momento central da vida de Jesus, a sua Paixão, é o momento em que nos começa a ser revelado o propósito maior da Sua vida.

Todos os anos vou mais além no mistério desta entrega. “Dar a vida por nós” é um conceito que me é explicado desde pequena na catequese, mas que sempre foi algo incompreensível. Ano após ano, vou entrando mais a fundo na revelação e compreensão deste mistério. É preciso uma fé madura e experimentada para intuir o que a entrega de Jesus em toda a Paixão apela à nossa própria vida.

Compreender verdadeiramente a Paixão, como cristão, é saber ler a vida com os olhos de Deus. Ainda que talvez só o venhamos a viver no Céu, Jesus entregou-se à dor para concretizarmos já na Terra este caminho de união com Deus, num abraço apertado à vida tal como ela se nos apresenta. A Via Sacra de cada um, guiados pela Vontade de Deus num caminho único e pessoal, quer-nos conduzir sempre à Plenitude.

Nos últimos meses tive oportunidade de me introduzir na arte da olaria, num velho espaço carregado de memórias de muitas almas que se deixaram moldar. Para mim, muito mais do que uma arte, tem sido um espaço de oração. Naquelas tardes de Sábado em que me agarro à roda e ao barro, medito longamente a palavra de Jeremias 18, 1-6 «*Vai, desce à casa do oleiro, e ali escutarás a minha palavra.*». E escuto, escuto... E ali Jesus apazigua a minha alma e, naquela dança da terra que ganha forma pelas mãos, experimento o convite para viver todos os dias segundo a Sua Vontade como barro nas Suas mãos.

Acreditar que a Vontade de Deus para a minha vida é real, tão real como a minha fé, liberta-me das minhas próprias condições e resistências. Confiar que existe um desígnio de Felicidade infinita para a minha vida é ser livre para receber tudo do nosso dia com gratidão. E a vida, como todos tão bem sabemos, traz consigo momentos de prazer e de sofrimento, por vezes a dor extrema que também Jesus gostaria de ter afastado de si. Resta-nos a certeza de que Deus só nos pede a medida de entrega que conseguimos dar e nos envia anjos do Céu para nos confortar.

Estou também certa que só a oração séria e comprometida nos pode guiar neste caminho. Não há outra forma de ler e intuir a Vontade de Deus quando nos vemos empurrados para turbilhões e contextos exigentes, que nos forcem a desconectar da serenidade da comunhão divina.

Convido-o a rezar o excerto do Evangelho que selecionei. Quero cravar esta leitura no meu coração nesta Quaresma e para o resto do ano. É tão intensa e visual que nos faz imergir e presenciar este momento sagrado da Paixão de Jesus. Esta sequência de palavras fortes, em que Jesus se prepara para acolher o extremo da vida, parece revelar que a limitação humana e os mistérios de Deus podem ser, na verdade, um só...

Para terminar quero desafiá-lo(a) a transcrever as palavras deste excerto que mais o(a) tocam. Repita-as interiormente durante a oração e deixe que a voz de Deus lhe revele o porquê de as ter escolhido.

Se Deus é bom e se nunca muda de atitude e nunca nos abandona, então, quaisquer que sejam as dificuldades – se o mundo tal como o vemos está tão longe da justiça, da paz, da solidariedade e da compaixão – para os crentes esta não é uma situação definitiva. É na sua fé em Deus que os crentes baseiam a espera de um mundo de acordo com a vontade de Deus ou, dito de outra forma, de acordo com o seu amor. Na Bíblia, esta esperança é muitas vezes expressa pela noção de promessa. Uma promessa é uma realidade dinâmica que abre novas possibilidades na vida humana. Esta promessa olha para o futuro, mas enraíza-se numa relação com Deus que me fala aqui e agora, que me chama a fazer escolhas concretas na minha vida. As sementes do futuro encontram-se numa relação com Deus vivida no presente.

(Carta de Taizé: 2003/3)

Uma Ceia que alimenta a Vida

- Ex 12,1-8.11-14 «Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória”.
- Sl 115 (116)
- 1 Cor 11,23-26 Do mesmo modo, depois da ceia, tomou também o cálice e disse: “Este cálice é a nova aliança, em meu sangue. Toda as vezes que dele beberdes, fazei isto em minha memória”»
- Jo 13,1-15 (1Cor 11,23-26)





ficar para ceiar é algo corrente, na nossa sociedade atual. Há ceias e ceias: as de amigos, as de empresa, as de aniversários, as de família, as de negócios, as ceias de beneficência, as ceias românticas... Umas agradam-nos mais do que as outras, a algumas vamos por compromisso, por interesse, por obrigação, tornam-se compridas e aborrecidas, queremos que terminem, regressar a casa é o que mais desejamos. Pelo contrário, há ceias que não gostaríamos que terminassem, nas quais estamos com gosto, alegres, são informais e estamos como que em casa, ceias onde se fala, se comenta, se compartilha, se fazem planos, se contam experiências, se fazem ainda mais planos...

Jesus, na 5ª Feira Santa, quis celebrar uma ceia com “os Seus”, ainda que estivesse inserido num contexto de celebração religiosa, seguindo uma tradição, era uma ceia com amigos. Sabemos algumas - ou muitas coisas - dessa ceia, quem eram os comensais, como estava organizada, qual era o *menu*, o significado de cada um dos alimentos, a forma de comê-los, os ritos que se praticavam, até algumas das palavras que se pronunciavam, as memórias que se comemoravam.

Jesus estava com os que havia eleito, estavam todos, não faltava nem sobrava um único, eram o “Seu grupo”. Tinha-os escolhido um a um, com eles havia convivido durante três anos, passado maus e bons momentos, com eles havia tido experiências profundas, diante de quem havia feito prodígios, que O haviam visto pregar, perdoar, fazer o bem. Tinha-lhes falado de Deus, Seu Pai, e ensinado a orar, como lhes contara coisas profundas, em parábolas, para que compreendessem melhor, compartilhando o Seu desejo de construir um Reino de Fraternidade. Aqueles que havia chamado pelo seu nome para que estivessem Consigo e para encarregá-los de uma missão (Mc 3,13). Eles conhecem o contexto e a importância da ceia desse dia, inclusive alguns se haviam adiantado para

prepará-la, para que tudo estivesse a postos e não faltasse nada. Estavam preparados para essa festa, mas não conseguiam sequer imaginar o que iria suceder.

Às vezes, acontece que nessas ceias “especiais” com amigos íntimos, se chega a criar um ambiente mágico, surpreendente, porque alguém tem um desejo que não é capaz de para si guardar, que é tão importante que tem de o compartilhar. O segredo de uma vivência interior que rebenta e enche o lugar com uma experiência e uma vida nova, profunda, difícil de explicar, mas que tange as fibras mais profundas, é esse sentimento que é invisível aos olhos e que só se vê com o coração.

Nessa ceia de Jesus e os Seus, passou-se algo de semelhante, uma corrente de amor autêntico começou a transmitir-se pela sala, Jesus exalava um extremo de amor desconhecido, que lhes entrava pelos poros, Sentiam-no, ainda que não lhes entrasse pela cabeça, nem O compreendessem com a razão. Nesse momento, forjou-se uma nova história, que marcaria os tempos para sempre e que, hoje, nós continuamos a celebrar, vivendo. E que ainda nos emociona. Jesus, por amor, por puro amor, sem fingimento, sem ter tal obrigação, entrega a Sua vida voluntariamente, para ser alimento, libertação e salvação para “os Seus e para todos os homens de todos os tempos”.

Um importante *chef*, acostumado a fabulosas e importantes ceias e que se declara abertamente cristão, diz algo tão bonito como – “A mim, apraz-me comer e tenho-o feito nos melhores restaurantes, mas nunca me emocionei, ao comer. **E ao comungar, sim. O alimento espiritual não tem comparação**”.

Hoje, Jesus, quer celebrar esta ceia contigo e comigo.

O amor de Deus invisível torna-se proximidade através dos gestos humanos que nos aproximam do outro. Como a unção de Maria em Betânia consolou Jesus, este repete o gesto lavando os pés dos Seus discípulos. Jesus tem uma intenção, fazer sentir que Deus ama a vida dos Seus discípulos com amor real e perceptível. Por isso faz o lava-pés, por isso parte o pão. A instituição da Eucaristia é mais uma demonstração de onde chega a criatividade do amor. Jesus, seguindo a tradição judaica da ceia pascal, bendiz, dá graças, mas identifica a Sua vida no gesto de um pão que se parte e se reparte como alimento de salvação. Pão que sabe a necessidade, a quotidianidade, que é capaz de saciar a fome do povo.

(Vicente Esplugues, FMVD, em “Evangelho Popular 2019”)

“Tudo está consumado.”

- Is 52,13–53,12 «Jesus saiu com os discípulos para o outro lado da torrente do Cédron, onde havia um horto, e ali entrou com eles. Judas, aquele que O ia entregar, conhecia bem o sítio, porque
- Sl 30 (31) O ia entregar, conhecia bem o sítio, porque
- Hb 4,14-16;5,7-9 Jesus Se reunia ali frequentemente com os Seus. Judas, então, guiando o destacamento romano e os guardas ao serviço dos Sumo-Sacerdotes e também os fariseus, munidos de lanternas, archotes e armas, entrou lá. Jesus, sabendo tudo o que Lhe ia acontecer, adiantou-Se e perguntou-lhes: “Quem procurais?”.
- Jo 18,1–19,42 Responderam-lhe: “Jesus, o Nazareno.”. Disse-lhes Ele: “Sou Eu!” (...).»
- (Jo 18, 1-5)

«Então, entregou-O para ser crucificado. (...).

Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, Sua Mãe, a irmã da Sua Mãe e Maria Madalena. Então, Jesus, ao ver ali ao pé a Sua Mãe e o discípulo que Ele amava, disse à Mãe: “Mulher, eis o teu filho!”. Depois, disse ao discípulo: “Eis a tua Mãe!”. E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a em sua casa.

Depois disso, Jesus, sabendo que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: “Tenho sede!”.

Havia ali uma vasilha cheia de vinagre. Então, ensopando no vinagre uma esponja fixada num ramo de hissopo, chegaram-lha à boca. Quando tomou o vinagre, Jesus disse: “Tudo está consumado.”. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.»

(Jo 19, 16.25-30)

Sexta-feira Santa é dia de oração silenciosa; é dia de olhar para a cruz e contemplar o que não entendo, porque é infinitamente maior do que eu; é dia de ler ou escutar o relato da Paixão de Jesus e de celebrar este mistério de morte e de vida, de fim e de início.

Rezamos hoje este longo texto do Evangelho, cheio de detalhes, de personagens e de cenas que se vão seguindo umas às outras para terminar no Calvário e, depois, no túmulo.

Há nele muitas palavras, de várias pessoas; mas vamos centrar-nos apenas nas de Jesus, em algumas das Suas frases, para, a partir daí, deixar que Ele nos ensine o sentido da existência. Vamos percorrer, passo a passo com Ele, com olhos e ouvidos atentos, este caminho feito de paz, de paciência, de verdade e de coragem, de amor e de entrega, de abandono absoluto nas mãos do Pai e no colo da Mãe.

“Quem procurais?”

Hoje é a mim que Jesus faz esta pergunta. Quem procuro? O que procuro? E Deus, onde O procuro e onde O encontro? Deixo-me encontrar por Ele e com Ele? Às vezes, parece-me que procuro um Deus sem cruz e esqueço-me de que é aí que encontro Jesus. Ressuscitado, mas tendo passado pela cruz, ressuscitando com as marcas dela, que mostra aos apóstolos (*“Olha as minhas mãos: chega cá o teu dedo!”* (Jo 20, 27).

Jesus não esconde a cruz nem finge que ela não existiu. Mais: diz-nos que é essa a condição do cristão: *“Quem quiser alguém vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-Me”*. (Mt 16, 24).

Seguir-Te, Senhor, é ir pelo caminho que Tu percorreste, viver a vida como Tu a viveste e centrar toda a existência no amor do Pai, que não falha, mesmo na cruz, sobretudo aí.

“Sou Eu.”

Sou Eu quem tu procuras? Jesus insiste, porque deseja que eu O encontre. *“Senhor, Tu sabes tudo, Tu sabes que Te amo!”* responde Pedro quando Jesus o questiona sobre o amor.

Senhor, Tu sabes tudo!... Tu sabes que és Tu quem eu procuro, ainda que Te possa procurar por caminhos ínvios, ainda que às vezes mal vislumbre onde Tu estás. Ensina-me a acreditar que Tu estás sempre, que és Tu quem vivifica a minha vida e a enche de eternidade.

Sim, és Tu, Senhor!

“Eis o teu filho!”; “Eis a tua Mãe!”

Jesus cuida de nós até ao fim: *“Daqueles que Me deste, não perdi nenhum”*.

No momento de agonia, quando todos os resquícios de vida humana se extinguíam, eis que Ele nos dá este enorme presente: a Sua Mãe, para ser também nossa!

Foram os únicos que ficaram junto de Ti até este momento, Senhor... Onde estão os outros, os apóstolos, os que Te seguiam, os que Te aclamavam, aqui há uns dias? Só ficaram eles dois: a Mãe e o amigo, que lhe confias agora como filho. Foram, certamente, um para o outro, amparo naquela hora de dor. Sem palavras, junto a Ti, porque de Ti e do Céu lhes vinha a força para viver aquele momento.

Obrigado, Jesus, porque quiseste partilhar connosco a ternura infinita de Maria!

Obrigado, Mãe, porque no Teu silêncio, feito de uma fé absoluta, acompanhas as nossas dores e trazes às nossas vidas confiança e

“Tenho sede!”.

As aspirações mais profundas de cada homem estão contidas nesta frase de Jesus. Todos temos desejos, sonhos por cumprir, anseios no mais secreto do nosso coração. Entrego tudo isso a Deus? Partilho com Ele na oração, para que Ele me ajude a discernir e viver com realismo, sem medo e sem angústia? Conheço tantas pessoas em cujos rostos vejo todos os dias esta súplica, ainda que nem sempre expressa. Que resposta lhes dou? Que “sedes” as posso ajudar a ter e a saciar?

Jesus, água viva, mata as minhas sedes! E olha com piedade tantos que vivem sequiosos e carentes e não encontram a Fonte.

“Tudo está consumado.”

Quem viveu uma vida toda feita doação e entrega, não podia morrer de outra maneira. Jesus viveu sempre nas mãos do Pai, em diálogo íntimo, Um com Ele; como haveria de transpor agora esta etapa, que não assim? Quem tinha por alimento a vontade do Pai, como viveria estes últimos momentos senão cumprindo até ao fim essa vontade?

Tudo está consumado, Senhor!
Cumpriste tudo, viveste tudo.
Estás aí, expirando, cansado,
maltratado, desprezado. Tudo
passou. Mas não é o fim: é o
início!



És chamado à Luz!!

Gn 1,1–2,2	PRECÓNIO PASCAL (Forma breve)
Sl 103 (104)	Exulte de alegria a multidão dos Anjos,
Gn 22,1-18	exultem as assembleias celestes,
Sl 15 (16)	ressoem hinos de glória,
Ex 14,15–15,1	para anunciar o triunfo de tão grande Rei.
Ex 15,1-2.3-4.5-6.17.18	Rejubile também a terra,
Is 54,5-14	inundada por tão grande claridade,
Sl 29 (30)	porque a luz de Cristo, o Rei eterno,
Is 55,1-11	dissipa as trevas de todo o mundo.
Is 12,2-3.4bcd,5-6	Alegre-se a Igreja, nossa mãe,
Br 3,9-15.32–4,4	adornada com os fulgores de tão grande luz,
Sl 18 (19)	e ressoem neste templo as aclamações do povo de Deus.
Ez 36,16-33	(...)
Sl 41 (42)	Celebramos hoje as festas da Páscoa,
Rm 6,3-11	em que é imolado o verdadeiro Cordeiro,
Sl 117 (118)	cujos Sangue consagra as portas dos fiéis.
Lc 24,1-12	Esta é a noite,
	em que libertastes do cativeiro do Egipto

os filhos de Israel, nossos pais,

e os fizestes atravessar a pé enxuto o Mar Vermelho.

Esta é a noite,

em que a coluna de fogo dissipou as trevas do pecado.

Esta é a noite,

que liberta das trevas do pecado e da corrupção do mundo

aqueles que hoje por toda a terra creem em Cristo,

noite que os restitui à graça

50^e os reúne na comunhão dos Santos.

Esta é a noite,
em que Cristo, quebrando as cadeias da morte,
Se levanta glorioso do túmulo.
Oh admirável condescendência da vossa graça!
Oh incomparável predileção do vosso amor!
Para resgatar o escravo entregastes o Filho.
Oh necessário pecado de Adão,
que foi destruído pela morte de Cristo!
Oh ditosa culpa,
que nos mereceu tão grande Redentor!
Esta noite santa afugenta os crimes, lava as culpas;
restitui a inocência aos pecadores, dá alegria aos tristes.
Oh noite ditosa,
em que o céu se une à terra,
em que o homem se encontra com Deus!
Nesta noite de graça,
aceitai, Pai santo, este sacrifício vespertino de louvor,
que, na oblação deste círio,
pelas mãos dos seus ministros Vos apresenta a santa Igreja.
Nós Vos pedimos, Senhor,
que este círio, consagrado ao vosso nome,
arda incessantemente para dissipar as trevas da noite;
e, subindo para Vós como suave perfume,
junte a sua claridade à das estrelas do céu.
Que ele brilhe ainda quando se levantar o astro da manhã,
aquele astro que não tem ocaso,
Jesus Cristo vosso Filho,
que, ressuscitando de entre os mortos,
iluminou o género humano com a sua luz e a sua paz
e vive glorioso pelos séculos dos séculos.



Hoje, de forma especial, somos convidados à Luz - a aprender a ser luz: para os outros, mas também para cada um de nós de forma especial. A deixarmos que o Senhor nos ilumine por completo: que toda a nossa vida seja completamente, inteiramente, contagiada por esta Luz. E temos urgentemente de aprender a viver na Luz, deixando que ela verdadeiramente nos habite!

Esta Luz que temos em nós, e que tantas vezes deixamos desvanecer ou deixamos para trás no meio da confusão dos dias... Sou verdadeiramente grata por esta Luz que me habita? Deixa-a brilhar em mim?

Nos últimos tempos, tenho acompanhado de perto algumas pessoas que vivem situações complicadas, inesperadas, imprevistas, que não têm grandes soluções, que não podem fazer grande coisa... enfim, situações de sofrimento, de fragilidade, de confronto com a nossa pequenez, com a nossa finitude... A vida tem tanto sofrimento! A vida dos meus amigos tem tanto sofrimento! Porque há tantos à minha volta que têm vidas tão difíceis! Tão solitárias! É tão difícil mantermos viva a esperança nestas situações! É tão difícil manter a alegria nestes momentos!

Os meus pais estão a envelhecer, aparecem as doenças, começam a estar frágeis... Como vivo a fragilidade daqueles que me são queridos? A quem nos agarramos? Em quem nos apoiamos? Perante estas situações de morte, por quem chamamos? Por Ti, Senhor? Às vezes parece-me que ainda vivemos a pensar que sermos cristãos é termos uma vida sem problemas... que a Ressurreição nos vem resolver todos os problemas e compor todas as situações, retirar todos os sofrimentos...

“Esta noite santa em que o céu se une à terra, em que o homem se encontra com Deus!”

Quantas vezes esquecemos, Senhor, que a vida vence a morte! Que a esperança pode vencer o desanimo, que o bem é mais forte que o mal... que o nosso encontro Contigo pode mudar, tem de mudar, a maneira como vivemos a nossa vida!... Quantas vezes fico na 6ª feira santa e me esqueço da Páscoa!!

“Nós Vos pedimos, Senhor, que este círio, consagrado ao vosso nome, arda incessantemente para dissipar as trevas da noite” – somos chamados à Luz. A ser como um círio, a termos a audácia, o desplante, de sermos Luz para os outros. Apesar da nossa pequenez. Apesar das dificuldades. Apesar do medo, apesar de achar que não sou capaz...apesar de não ir resolver situações nem passar um pano mágico que apague as dificuldades do caminho. O Senhor confia em mim!

O Senhor confia em nós para cumprirmos esta missão: esta é a noite, diz-nos este precónio pascal.

Acredito verdadeiramente que, nesta Páscoa, sou chamado à vida? À esperança? Ao Amor?

O que preciso de fazer para ser Luz? O que preciso de deixar morrer em mim, para que se cumpra em mim este desafio?



“Ele devia ressuscitar dos mortos”

At 10,34a.37-43 «No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus, bem de madrugada, quando ainda estava escuro, e viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo. Então ela saiu correndo e foi encontrar Simão Pedro e o outro discípulo, aquele que Jesus amava, e lhes disse: 'Tiraram o Senhor do túmulo, e não sabemos onde o colocaram.' Saíram, então, Pedro e o outro discípulo e foram ao túmulo. Os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. Olhando para dentro, viu as faixas de linho no chão, mas não entrou. Chegou também Simão Pedro, que vinha correndo atrás, e entrou no túmulo. Viu as faixas de linho deitadas no chão e o pano que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não posto com as faixas, mas enrolado num lugar à parte. Então entrou também o outro discípulo, que tinha chegado primeiro ao túmulo. Ele viu, e acreditou. De facto, eles ainda não tinham compreendido a Escritura, segundo a qual ele devia ressuscitar dos mortos.»
(Jo 20, 1-9)





Para quem acredita em Deus, em Jesus, na sua missão de se fazer Homem junto de nós e como nós, a Ressurreição é o que dá sentido à vida.

Jesus ensina-nos que tudo renasce, tudo se renova, tudo recomeça. Tudo tem o seu princípio, o seu meio e o seu fim... e o seu reinício, porque é sempre possível recomeçar. Jesus mostra-nos que temos de passar por tudo, pelo início, pelo meio, pelo fim, pela morte... para Ressuscitar junto do Pai. «*Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida*».

Todos os dias nascem e chegam ao fim para dar lugar a um novo dia. Todos os dias são um recomeço, uma nova oportunidade. Todos os anos se iniciam, têm o seu curso e chegam ao fim dando lugar a um novo ano. Todo o novo ano é um recomeço, uma nova oportunidade. As estações do ano sucedem-se e transformam a realidade, reiniciando novos ciclos. Cada nova estação é uma nova oportunidade. Todas as vidas se iniciam, são vividas e chegam ao fim, à morte para dar lugar à Ressurreição, que nos trará a vida eterna e plena junto de Deus. É esta a mensagem de Jesus, na qual nos pede que acreditemos.

Lendo e apreciando a Bíblia, vemos que Jesus também nasceu, viveu a sua vida privada junto de seus pais e a sua vida pública junto de todos com que se cruzava, foi morto e ressuscitou, porque «*Ele devia ressuscitar dos mortos*».

Esta é a nossa certeza e esperança que fará com que possamos viver de forma muito diferente.

Se temos esta certeza e confiança, como é que escolhemos viver o tempo que cá estamos neste mundo todos os dias? Como é que escolhemos acordar e viver todo o novo dia? Essa certeza e esperança influencia e muda o nosso dia-a-dia? Como queremos

deixar-nos moldar no coração e guiar-nos pelo Espírito para recomeçar verdadeiramente?

O que realmente importa é a forma como escolhemos viver, como escolhemos recomeçar todos os dias, todas as horas, todos os minutos, como decidimos aproveitar o tempo e a oportunidade renovada a todo o momento, mesmo após dias, horas, minutos em que sofremos algumas mortes, algumas quedas, em que enfrentamos realidades duras ou dificuldades inesperadas: seja por força de acontecimentos externos mais ou menos difíceis, desde doenças, pessoas que nos faltam, divórcios, pessoas com quem não nos relacionamos bem, até diferenças difíceis de ultrapassar, palavras ou gestos que nos magoaram, seja devido a dificuldades ou sofrimentos internos, como sentimentos de impotência ou incapacidade, medos, angústias, falta de aceitação, resistência a mudar, etc.

O que realmente importa é como escolhemos agir, mesmo quando sabemos que não estivemos muito bem em determinadas situações, mesmo quando gostaríamos de ter agido de forma diferente, mesmo quando gostaríamos de ter sido mais generosos do que egoístas, mesmo quando falámos e devíamos ter silenciado ou calámos e devíamos ter dito uma palavra.

O que realmente importa é a forma como escolhemos mudar aquilo que depende de nós e que podemos fazer por nós e pelos outros em cada dia, desde o gesto mais pequeno como um sorriso, até uma decisão importante e que pode mudar a vida de alguém. Basta às vezes um «Bom dia» mais sonoro, mais alegre, uma partilha de uma dificuldade matinal ao deixar os filhos na escola com algum humor, e mostrando que acabou por correr bem e que tudo é possível, para se ter plantado uma semente de esperança no coração do outro, para ter sido um recomeço no dia do outro. Basta às vezes uma pergunta sobre o dia do outro, um interesse pelo

sentimento do outro, pela vida do outro, e esse recomeço pode acontecer quer na nossa, quer na vida do outro.

Tudo muda, tudo se renova, nada se perde, tudo se transforma!

Nada é impossível a Deus! Acreditamos nisto? Acreditamos no que Jesus disse aos discípulos - que tinha que passar por tudo o que passou, que tinha de morrer crucificado pelos outros para Ressuscitar dos mortos?

Às vezes gostaríamos que tudo fosse diferente, que o mundo fosse melhor, mais pacífico, mais harmonioso. Note-se que, desde o Seu nascimento, Jesus teve muitas pessoas que não gostavam d'Ele, que não O reconheciam, criticavam-no e queriam matá-lo. Havia quem gostasse muito de Jesus, quem O seguisse, mas também quem O queria afastar, quem O testava, quem O queria até matar. E como escolheu Jesus viver? Jesus continuou a Sua missão, confiante de que era o certo e sem desistir, sem deixar de atender a todas as pessoas, mesmo quando sabia ou percebia que não lhe queriam bem. Na última ceia, e até o fim da vida, Jesus continuou a escolher o Serviço e o Amor, sabendo desde logo que um deles o ia trair e entregar.

E nós, como escolhemos viver no dia-a-dia quando sentimos que alguém não nos aceita, não nos reconhece o valor que queríamos, nos critica ou até não gosta de nós, do que dizemos, do que representamos? Como continuamos a agir? Desistimos? Desanimamos? Queremos «cortar» qualquer tipo de relação? E decidimos recomeçar?

De recomeço em recomeço, podemos transformar a nossa vida, transformar a água em vinho, seguir Jesus num caminho para a Santidade!

Recomeçar sempre!

*Não desistas nunca,
Nem quando o cansaço se fizer sentir,
Nem quando os teus pés tropeçarem,
Nem quando os teus olhos arderem,
Nem quando os teus esforços forem ignorados,
Nem quando a desilusão te abater,
Nem quando o erro te desencorajar,
Nem quando a traição te ferir,
Nem quando o sucesso te abandonar,
Nem quando a ingratidão te desconsertar,
Nem quando a incompreensão te rodear,
Nem quando a fadiga te prostrar,
Nem quando tudo tenha o aspeto do nada,
Nem quando o peso do pecado te esmagar...
Invoca Deus, cerra os punhos, sorri... E recomeça!*

Oremos: Ó Deus, que jamais permitis que as potências do mal prevaleçam contra a vossa Igreja, fundada sobre a rocha inabalável dos apóstolos, dai-lhe, pelos méritos do papa são Leão, permanecer firme na verdade e gozar paz para sempre. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Ámen.

(São Leão Magno)

parte III do Panamá para Lisboa
Um desafio

Jornadas Mundiais da Juventude - 2019 e 2022

“As próximas Jornadas Mundiais da Juventude serão... em Portugal!”.

Os que acompanhavam a celebração e ouviram este anúncio em direto vibraram de entusiasmo! Outros, souberam mais tarde ou foram ouvindo dizer. Era previsível, está confirmado. A alegria é grande e talvez a apreensão também: é um enorme evento que terá lugar em Lisboa, em 2022.

As JMJ são um acontecimento eclesial e social de extrema importância, que mobiliza milhares de intervenientes e envolve outros milhares de pessoas na sua preparação, organização, acolhimento, logística, etc. Realizam-se desde 1986 (Roma), por iniciativa do Papa João Paulo II, e já ocorreram em vários lugares do mundo.

Nas próximas, Portugal será o país anfitrião. Se virmos as Jornadas como um evento socioeconómico, podemos compará-lo à Expo 98, ao Euro 2004 ou à Websummit. Se as virmos como uma vivência espiritual e comunitária, elas transcenderão certamente tudo o que possamos imaginar, porque Deus é muitíssimo mais criativo do que nós! O modo como Jesus tocará o coração de cada um (participante, viajante, voluntário, família de acolhimento, lisboeta anónimo...) só o próprio e Ele o poderão saber.

As grandes ocasiões, para serem verdadeiramente grandes, têm de ser longamente e cuidadosamente preparadas. Por isso, enquanto “utilizadores” do Caderno de Oração, a nossa responsabilidade face às próximas JMJ começa já, na Quaresma e na Páscoa de 2019: é a partir de agora que somos chamados a rezar para que Deus faça do tempo antes, durante e depois das JMJ um “tempo favorável”, um “tempo de salvação” que venha a dar “muito fruto”.

Deixamos três textos do Papa Francisco: o discurso na vigília, a homilia da missa de encerramento das JMJ no Panamá e o seu apelo aos diocesanos de Lisboa (“Preparem-nas bem!”); fica também um testemunho de quem viveu as JMJ no Panamá.

Discurso do Santo Padre aos jovens na Vigília da Jornada Mundial da Juventude 26 de janeiro de 2019

Queridos jovens, boa noite!

Acabamos de ver este belo espetáculo sobre a Árvore da Vida, que mostra como a vida que Jesus nos dá é uma história de amor, uma história de vida que quer misturar-se com a nossa e criar raízes na terra de cada um. Essa vida não é uma salvação suspensa «na nuvem» – no disco virtual – à espera de ser descarregada, nem uma nova «aplicação» para descobrir ou um exercício mental fruto de técnicas de crescimento pessoal. Nem sequer um «tutorial» com o qual apreender as últimas novidades. A salvação, que o Senhor nos dá, é um convite para participar numa história de amor, que está entrelaçada com as nossas histórias; que vive e quer nascer entre nós, para podermos dar fruto onde, como e com quem estivermos. Precisamente aí vem o Senhor plantar e plantar-Se a Si mesmo; Ele é o primeiro a dizer «sim» à nossa vida, à nossa história e quer que também nós digamos «sim» juntamente com Ele.

Sem dúvida, a jovem de Nazaré não aparecia nas «redes sociais» de então, não era uma influencer – uma influenciadora digital – mas, sem querer nem procurá-lo, tornou-Se a mulher que maior influência teve na história.

Maria, a influencer de Deus. Com poucas palavras, soube dizer «sim», confiando no amor e nas promessas de Deus, única força capaz de fazer novas todas as coisas.

Sempre impressiona a força do «sim» desta jovem, daquele «faça-se em Mim» que disse ao anjo. Foi uma coisa diferente duma aceitação passiva ou resignada, ou dum «sim» como quando se diz: «Bem; provemos a ver que sucede». Foi algo mais, qualquer coisa de diferente. Foi o «sim» de quem quer comprometer-se e arriscar,⁶¹

de quem quer apostar tudo, sem ter outra garantia para além da certeza de saber que é portadora duma promessa. Teria, sem dúvida, uma missão difícil, mas as dificuldades não eram motivo para dizer «não». Com certeza teria complicações, mas não haveriam de ser idênticas às que se verificam quando a cobardia nos paralisa por não vermos, antecipadamente, tudo claro ou garantido. O «sim» e o desejo de servir foram mais fortes do que as dúvidas e dificuldades.



Esta noite ouvimos também como o «sim» de Maria ecoa e se multiplica de geração para geração. Seguindo o exemplo de Maria, muitos jovens arriscam e apostam, guiados por uma promessa. Obrigado, Erika e Rogelio, pelo testemunho que nos destes. Compartilhastes os vossos medos, dificuldades e todo o risco que vivestes à espera da vossa filha Inês. A dada altura dissestes: «A nós, pais, por várias razões, custa muito aceitar a chegada dum bebé portador de doença ou deficiência». Isso é verdade e compreensível! O facto surpreendente, porém, encerra-se naquilo que acrescentastes: «Quando nasceu a nossa filha, decidimos amá-la com todo o nosso coração». Antes da sua chegada, perante todas as notícias e dificuldades que surgiram, tomastes uma decisão e dissestes como Maria «faça-se em nós», decidistes amá-la. Face à vida de vossa filha frágil, inerte e necessitada, a resposta foi um «sim» e, deste modo, temos Inês. Acreditastes que o mundo não é só para os fortes!

Dizer «sim» ao Senhor é ter a coragem de abraçar a vida como vem, com toda a sua fragilidade e pequenez e, muitas vezes, até com

todas as suas contradições e insignificâncias, abraça-la com o mesmo amor que Erika e Rogelio nos contaram. É abraçar a nossa pátria, as nossas famílias, os nossos amigos como são, mesmo com as suas fragilidades e mesquinhices. Damos também provas de que se abraça a vida, quando acolhemos tudo o que não é perfeito, puro ou destilado, mas lá por isso não menos digno de amor. Porventura alguém, pelo facto de ser portador de deficiência ou frágil, não é digno de amor? Porventura alguém, pelo facto de ser estrangeiro, ter errado, encontrar-se doente ou numa prisão, não é digno de amor? Assim fez Jesus: abraçou o leproso, o cego e o paralisado, abraçou o fariseu e o pecador. Abraçou o ladrão na cruz, abraçou e perdoou até àqueles que O estavam a crucificar.

Porquê? Porque, só o que se ama, pode ser salvo. Só o que se abraça, pode ser transformado. O amor do Senhor é maior que todas as nossas contradições, fragilidades e mesquinhices, mas é precisamente através das nossas contradições, fragilidades e mesquinhices que Ele quer escrever esta história de amor. Abraçou o filho pródigo, abraçou Pedro depois de O ter negado e abraça-nos sempre, sempre, depois das nossas quedas, ajudando-nos a levantar e ficar de pé. Porque a verdadeira queda, aquela que nos pode arruinar a vida, é ficar por terra e não se deixar ajudar.

Como se torna difícil, às vezes, compreender o amor de Deus! Mas que grande dádiva é saber que temos um Pai que nos abraça independentemente de todas as nossas imperfeições!

O primeiro passo é não ter medo de receber a vida como ela vem, de abraçar a vida!

Obrigado, Alfredo, pelo teu testemunho e a coragem de o partilhar com todos nós. Fiquei muito impressionado quando disseste: «Comecei a trabalhar na construção até quando terminou aquele projeto. Sem emprego, as coisas complicaram-se: sem escola, sem ocupação e sem trabalho». Resumo-o nos quatro «sem» que deixam a nossa vida sem raízes e ela seca: sem trabalho, sem63 instrução, sem comunidade, sem família.

É impossível uma pessoa crescer, se não possui raízes fortes que a ajudem a estar firme de pé e agarrada à terra. É fácil extraviar-se, quando não temos onde firmar-nos. Esta é uma questão que nós, mais velhos, vos devemos colocar; mais, é uma questão que vós devereis colocar-nos e nós temos o dever de vos responder: Que raízes estamos a dar-vos? Quais são as bases que estamos a oferecer-vos para vos construídes como pessoas? Como é fácil criticar os jovens e passar o tempo murmurando, se os deixamos sem oportunidades laborais, educativas e comunitárias a que agarrar-se para sonhar o futuro! Sem instrução, é difícil sonhar o futuro; sem trabalho, é muito difícil sonhar o futuro; sem família nem comunidade, é quase impossível sonhar o futuro. Porque sonhar o futuro é aprender a responder não só porque vivo, mas também para quem vivo, por quem vale a pena gastar a vida.

Como nos dizia Alfredo, quando alguém se vê despedido e fica sem trabalho, sem instrução, sem comunidade e sem família, no fim do dia sente-se vazio e acaba por preencher aquele vazio com uma coisa qualquer. Porque já não sabemos para quem viver, lutar e amar.

Lembro-me que uma vez, conversando com alguns jovens, me perguntaram: «Padre, porque é que hoje muitos jovens não se interrogam se Deus existe, ou sentem dificuldade em crer n'Ele e evitam comprometer-se na vida?» Respondi: «E vós, que achais?» Dentre as respostas que surgiram na conversa, recordo uma que me tocou o coração e está relacionada com a experiência que Alfredo partilhou: «Porque muitos deles sentem que, para os outros, pouco a pouco deixaram de existir, frequentemente sentem-se invisíveis». É a cultura do abandono e da falta de consideração. Não digo todos, mas muitos sentem que não têm nem muito nem pouco para dar, por falta de espaços reais que a isso os convoquem. Como hão de pensar que Deus existe se, para seus irmãos, há muito que deixaram de existir?

Bem sabemos que não basta estar conectado o dia inteiro para se sentir reconhecido e amado. Sentir-se considerado e convidado para algo é mais do que permanecer «em rede». Significa encontrar espaços onde possais, com as vossas mãos, com o vosso coração e com a vossa cabeça, sentir-vos parte duma comunidade maior que precisa de vós e, vice-versa, vós precisais dela também.

Isto, compreenderam-no muito bem os santos. Penso, por exemplo, em São João Bosco, que não foi procurar os jovens em qualquer lugar distante ou especial, mas aprendeu a ver tudo o que acontecia na cidade com os olhos de Deus, ficando impressionado com as centenas de crianças e jovens abandonados, sem escola, sem trabalho e sem a mão amiga duma comunidade. Havia muita gente que vivia naquela mesma cidade, e muitos criticavam aqueles jovens, mas não sabiam vê-los com os olhos de Deus. João Bosco fê-lo e animou-se a dar o primeiro passo: abraçar a vida como ela se apresenta; e, a partir disto, não teve medo de dar o segundo: criar com eles uma comunidade, uma família onde se sentissem amados com trabalho e estudo, ou seja, dar-lhes raízes a que agarrar-se para poderem chegar ao céu.

Penso em muitos lugares da nossa América Latina onde se promove a chamada família grande lar de Cristo, com o mesmo espírito da Fundação João Paulo II de que nos falava Alfredo, e muitos outros centros, que procuram receber a vida como ela vem na sua totalidade e complexidade, porque sabem que *«para a árvore há uma esperança: cortada, pode ainda reverdecer e deitar novos rebentos»* (Job 14, 7).

E sempre é possível «reverdecer e deitar novos rebentos», quando há uma comunidade, o calor duma casa onde criar raízes, que oferece a confiança necessária e prepara o coração para descobrir um novo horizonte: horizonte de filho amado, procurado, encontrado e dedicado a uma missão. O Senhor torna-Se presente

por meio de rostos concretos. Dizer «sim» a esta história de amor é dizer «sim» como instrumentos para construir, nos nossos bairros, comunidades eclesiais capazes de percorrer as estradas da cidade, abraçando e tecendo novas relações. Ser um influencer no século XXI significa ser guardião das raízes, guardião de tudo aquilo que impede a nossa vida de tornar-se «gasosa», evaporando-se no nada. Sede guardiões de tudo o que permite sentir-nos parte uns dos outros, pertencer-nos mutuamente.

Isto mesmo viveu Nirmeen na JMJ de Cracóvia. Encontrou uma comunidade viva, alegre, que veio ao encontro dela, fê-la sentir-se parte dela e permitiu-lhe viver a alegria que comunica a maravilha de ser encontrada por Jesus.

Uma vez, um santo interrogou-se: «O progresso da sociedade servirá apenas para chegar a possuir o último modelo de carro ou adquirir a última tecnologia do mercado? Nisto se resume toda a grandeza do homem? Não há mais nada que isto para viver?» (SANTO ALBERTO FURTADO, Meditación de Semana Santa para jovens, 1946). E eu pergunto-vos: É esta a vossa grandeza? Não teríeis sido criados para algo maior? Maria compreendeu-o e disse: «Faça-se em Mim». Erika e Rogelio compreenderam-no e disseram: «Faça-se em nós». Alfredo compreendeu-o e disse: «Faça-se em mim». Nirmeen compreendeu-o e disse: «Faça-se em mim». Amigos, pergunto-vos: Estais dispostos a dizer «sim»? O Evangelho ensina-nos que o mundo não será melhor por haver menos pessoas doentes, debilitadas, frágeis ou idosas de que ocupar-se, nem por haver menos pecadores, mas será melhor quando forem mais as pessoas que, como estes amigos, estiverem dispostas e tiverem a coragem de dar à luz o amanhã e acreditar na força transformadora do amor de Deus. Quereis ser influencer no estilo de Maria, que teve a coragem de dizer «faça-se em Mim»? Só o amor nos torna mais humanos, mais plenificados, o resto não passa de remedeio bom, mas vazio.

Dentro de momentos, na Adoração Eucarística, encontrar-nos-emos com Jesus vivo. Certamente tereis muitas coisas para Lhe dizer, para Lhe contar sobre várias situações da vossa vida, das vossas famílias e dos vossos países.

Encontrando-vos na sua presença, face a face, não tenhais medo de Lhe abrir o coração pedindo que renove o fogo do amor d'Ele, vos induza a abraçar a vida com toda a sua fragilidade e pequenez, mas também com toda a sua grandeza e beleza. Que vos ajude a descobrir a beleza de estar vivo.

Não tenhais medo de Lhe dizer que vós também quereis fazer parte da sua história de amor no mundo, que sois para um «mais»!

Amigos, peço-vos também que, neste face a face com Jesus, rezeis por mim para que também eu não tenha medo de abraçar a vida, guarde as raízes e diga com Maria: *«Faça-se em mim segundo a tua palavra»*.



Homilia do Papa Francisco na Jornada Mundial da Juventude 26 de janeiro de 2019

«Jesus, cansado da caminhada, sentou-Se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia. Entretanto, chegou certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: “Dá-Me de beber”» (Jo 4, 6-7).

O Evangelho que ouvimos não hesita em apresentar-nos Jesus cansado de caminhar. Ao meio-dia, quando o sol se faz sentir em toda a sua força e potência, encontramos-Lo junto do poço. Precisava de aplacar e saciar a sede, refrescar seus passos, recuperar as forças para continuar a missão.

Os discípulos experimentaram em si próprios o que significava a dedicação e disponibilidade do Senhor para levar a Boa-Nova aos pobres, curar os corações feridos, proclamar a libertação aos cativos e dar a liberdade aos prisioneiros, consolar quem estava de luto e proclamar um ano de graça para todos (cf. Is 61, 1-3). Todas elas são situações que nos tolhem a vida e a energia; e os discípulos abundaram ao presentear-nos com tantos momentos importantes na vida do Mestre, onde também a nossa humanidade pode encontrar uma palavra de Vida.

Cansado da caminhada

Para a nossa imaginação, sempre em movimento, é relativamente fácil contemplar e entrar em comunhão com a atividade do Senhor, mas nem sempre sabemos ou podemos contemplar e acompanhar as «fadigas do Senhor», como se estas não se apropriassem a Deus. Mas o Senhor cansou-Se e, nesta fadiga, encontra lugar tanto cansaço dos nossos povos e da nossa família, das nossas comunidades e de todos aqueles que estão cansados e oprimidos (cf. Mt 11, 28).

Múltiplas são as causas e motivos que nos podem provocar a fadiga da caminhada, a nós sacerdotes, consagrados e consagradas, membros dos movimentos laicais: desde as longas horas de trabalho que deixam pouco tempo para comer, descansar e estar com a família, até às «tóxicas» condições laborais e afetivas que levam ao esgotamento e desgastam o coração; desde a simples dedicação diária até ao peso rotineiro de quem já não sente gosto ou não encontra reconhecimento e apoio para enfrentar as exigências de cada dia; desde as situações complicadas já habituais e previsíveis até aos momentos urgentes e angustiantes de pressão... Uma gama completa de pesos a suportar.

Seria impossível tentar abraçar todas as situações que quebrantam a vida dos consagrados, mas, em todas elas, sentimos a necessidade urgente de encontrar um poço onde se possa aplacar e saciar a sede e o cansaço do caminho. Todas elas reclamam, como um grito silencioso, um poço donde começar de novo.

Desde há algum tempo para cá, às vezes parece ter-se instalado nas nossas comunidades uma espécie subtil de cansaço, que nada tem a ver com o cansaço do Senhor. Trata-se duma tentação que poderíamos chamar o cansaço da esperança. Ou seja, o cansaço que surge quando o sol, no pino – como sugere o Evangelho –, dardejia a pique os seus raios, tornando as horas insuportáveis, e fá-lo com tal intensidade que não deixa avançar nem olhar para diante. Como se tudo ficasse confuso. Não me refiro ao «particular aperto do coração» (São João Paulo II, Carta enc. *Redemptoris Mater*, 17; cf. Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 287) de quem ao fim do dia, apesar de quebrantado pelo trabalho, consegue mostrar um sorriso sereno e agradecido; mas a um outro cansaço que nasce ao olhar o futuro quando a realidade me cai em cima pondo em questão as forças, os recursos e a viabilidade da missão neste mundo, que não cessa de mudar e interpelar.

É um cansaço paralisador. Nasce de olhar para frente e não saber como reagir face à intensidade e incerteza das mudanças que estamos atravessando como sociedade. Tais mudanças parecem não só pôr em questão as nossas modalidades de expressão e compromisso, os nossos hábitos e atitudes ao enfrentar a realidade, mas frequentemente colocam também em dúvida a própria viabilidade da vida religiosa no mundo atual. E a própria velocidade destas mudanças pode levar a imobilizar opções e opiniões e, aquilo que outrora poderia ser significativo e importante, hoje parece que já não tem lugar.

O cansaço da esperança nasce da constatação duma Igreja ferida pelo seu pecado e que, muitas vezes, não soube escutar tantos gritos nos quais se escondia o grito do Mestre: «*Meu Deus, porque me abandonaste?*» (Mt 27, 46).

Deste modo, podemos habituar-nos a viver com uma esperança cansada perante o futuro incerto e desconhecido, e isto faz com que se instale um pragmatismo cinzento no coração das nossas comunidades. Aparentemente tudo parece continuar dentro da normalidade, mas na realidade a fé deteriora-se e degenera. Dececionados com uma realidade que não compreendemos ou na qual pensamos já não haver lugar para a nossa proposta, podemos conferir «cidadania» a uma das piores heresias possíveis no nosso tempo: pensar que o Senhor e as nossas comunidades não têm nada para dizer nem dar a este mundo novo em gestação (cf. Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 83). Então aquilo que um dia nasceu para ser sal e luz do mundo, acaba por oferecer a sua versão pior.

Dá-Me de beber

A fadiga da viagem sobrevem e faz-se sentir. Quer queiramos quer não, ela existe e será bom termos a mesma coragem que demonstrou o Mestre ao dizer: «*Dá-Me de beber*». Como

aconteceu à Samaritana e pode suceder a cada um de nós, não queremos aplacar a sede com uma água qualquer, mas com aquela «*fonte de água que dá a vida eterna*» (Jo 4, 14). Como bem sabia a Samaritana que, desde há anos, carregava cântaros vazios de amores falidos, também nós sabemos que nem qualquer palavra pode ajudar a recuperar as forças e a profecia na missão. Nem qualquer novidade, por mais sedutora que pareça, pode aliviar a sede. Sabemos, como ela bem sabia, que nem mesmo o conhecimento religioso e a justificação de certas opções e tradições, passadas ou presentes, nos tornam sempre fecundos e apaixonados «*adoradores (...) em espírito e verdade*» (Jo 4, 23).

«*Dá-Me de beber*» é aquilo que pede o Senhor e é o que Ele nos pede para dizer. Ao dizê-lo, abrimos a porta da nossa esperança cansada para voltar, sem medo, ao poço originário do primeiro amor, quando Jesus passou pelo nosso caminho, olhou-nos com misericórdia e pediu que O seguíssemos; ao dizê-lo, recuperamos a memória daquele momento em que os seus olhos cruzaram os nossos, o momento em que Ele nos fez sentir que nos amava, e não só pessoalmente mas também como comunidade (cf. Francisco, Homilia na Vigília Pascal, 19/IV/2014). É retornar sobre os nossos passos e, na fidelidade criativa, escutar que o Espírito não criou uma obra particular, um plano pastoral ou uma estrutura para ser organizada, mas, através de tantos «santos ao pé da porta» – entre os quais encontramos padres e madres fundadores dos vossos Institutos, bispos e párocos que souberam colocar bases sólidas nas suas comunidades –, deu vida e respiração a um determinado contexto histórico que parecia sufocar e esmagar toda a esperança e dignidade.

«*Dá-Me de beber*» significa ter a coragem de se deixar purificar e de recuperar a parte mais autêntica dos nossos carismas fundacionais – que não se limitam apenas à vida religiosa, mas a toda a Igreja – e ver as modalidades em que se podem expressar

hoje. Trata-se não só de olhar com gratidão o passado, mas também de ir à procura das raízes da sua inspiração e deixar que ressoem novamente com força entre nós (cf. Papa Francisco – Fernando Prado, *La fuerza de la vocación*, 42).

«*Dá-Me de beber*» significa reconhecer-se necessitado de que o Espírito nos transforme em homens e mulheres memoriosos duma passagem, a passagem salvífica de Deus. E confiantes de que, como fez ontem, assim continuará a fazê-lo amanhã: «ir às raízes ajuda-nos indubitavelmente a viver, sem medo, o presente. Precisamos de viver sem medo, reagindo à vida com a paixão de nos sentirmos comprometidos com a história, imersos nas coisas. Com a paixão dos enamorados» (cf. *ibid.*, 44).

A esperança cansada será curada e gozará daquele «particular aperto do coração» quando não tiver medo de voltar ao lugar do primeiro amor e conseguir encontrar, nas periferias e nos desafios que hoje se nos apresentam, o mesmo cântico, o mesmo olhar que suscitou o cântico e o olhar dos nossos pais. Assim evitaremos o risco de partir de nós mesmos e abandonaremos a autocomiseração cansativa para fixar os olhos com que hoje Cristo continua a procurar-nos, a chamar-nos e a convidar-nos para a missão.

* * *

Não me parece sem significado um acontecimento como este duma Catedral que reabre as portas depois dum longo tempo de restauro. Experimentou o transcorrer dos anos, como testemunha fiel da história deste povo e, com a ajuda e o trabalho de muitos, quis presentear-nos de novo com a sua beleza. Mais do que uma reconstrução formal, que sempre tenta voltar a um original passado, procurou reencontrar a beleza dos anos abrindo-se para hospedar toda a novidade que o presente lhe podia oferecer. Uma Catedral espanhola, índia e afro-americana torna-se, assim, Catedral panamense, dos panamenses de ontem, mas também dos

de hoje que a tornaram possível. Já não pertence só ao passado, mas é beleza do presente.

Hoje de novo é um regaço que impele a renovar e nutrir a esperança, a descobrir como a beleza de ontem pode tornar-se base para construir a beleza de amanhã.

Assim age o Senhor.

Irmãos, não deixemos que nos roubem a beleza herdada dos nossos pais! Seja ela a raiz viva e fecunda que nos ajuda a continuar fazendo bela e profética a história da salvação nestas terras.



‘Preparem-nas bem’ In Voz da Verdade

O Papa Francisco fez um pedido ao Patriarcado de Lisboa: preparar bem a Jornada Mundial da Juventude de 2022. A revelação é feita ao Jornal VOZ DA VERDADE por Maria Margarida Patrocínio, voluntária da diocese, que esteve um mês no Panamá e saudou o Papa em nome dos jovens portugueses.

Foi a voluntária escolhida para, em nome de todos os jovens portugueses, saudar o Papa Francisco e agradecer a atribuição a Lisboa da organização da próxima Jornada Mundial da Juventude (JMJ), em 2022. Foi no Panamá, no habitual encontro do Papa com os voluntários, que marca o final de cada Jornada, que Maria Margarida Patrocínio escutou o pedido do Papa Francisco a toda a diocese. “Foi um momento muito marcante. No final da saudação, dirigi-me ao Papa para o cumprimentar, dei-lhe a mão e, posso confidenciar, ele disse-me: ‘Preparem-nas bem. Preparem-nas bem’. Foi a única coisa que o Papa me disse”, revela Margarida, de 30 anos, completados no Panamá, no dia 7 de janeiro. Um pedido que “responsabiliza” toda a Igreja de Lisboa, no entender desta voluntária. “Espero que em Lisboa se faça uma Igreja presente. Temos três anos e meio e espero que saibamos não ser ‘capelinhas’, mas que estejamos todos juntos. A Igreja tem vários movimentos, várias realidades, mas a fé é a mesma, a fé cristã é a mesma, e desejo que tenhamos todos o mesmo espírito, que o Espírito Santo nos ilumine. Rezemos muito por isso”, salienta.

(ver texto completo em <http://www.vozdaverdade.org>)

OS JOVENS NÃO SÃO O FUTURO

Das muitas e extraordinárias frases que o Papa Francisco disse retenho esta. Mas só porque ela não está completa. De facto, o Santo Padre, no Panamá, por mais do que uma vez referiu que os jovens não são o futuro, como vulgarmente se diz; eles são o presente, o “agora de Deus”. E uma Jornada Mundial é ocasião única para testemunhar isso mesmo.

Esta foi a minha sexta participação em Jornadas Mundiais da Juventude, sempre com jovens da Diocese de Lisboa. Desta vez, e porque o grupo era mais reduzido que em edições anteriores, houve oportunidade para nos conhecermos melhor, fruto também dos quatro encontros de preparação que tivemos antes da partida. Mas, de facto, nada nos “prepara” para o que vamos encontrar. E ainda bem! Porque temos de sentir a coragem do peregrino que, como o profeta, sai da sua terra e vai. Parte. Confia. Para depois encontrar o que Deus quer. E Ele quis que esta experiência no Panamá fosse mesmo especial, no acolhimento de um povo que estava genuinamente feliz por nos receber; de cristãos que souberam ultrapassar as dificuldades e hesitações próprias de uma pequena periferia perante um tão grande desafio. Eles não abriram os braços para nos receber; abriram as casas, as igrejas, os corações. O nosso grupo ficou alojado em famílias panamianas que, sem saberem quem éramos já nos tinham amado. E cuidaram de nós, com muitos sorrisos durante e algumas lágrimas no fim. Dos funcionários das lojas, dos transportes e restaurantes, aos militares, aos incedíveis voluntários, tudo e todos estavam ao serviço da Igreja, dos seus jovens e do Papa. Francisco estava em casa, e a sua alegria contagiava. O discurso directo, como se estivesse a conversar na sala com amigos, emocionou e convenceu. Normalmente é assim quando se fala do coração e se tem Jesus em cada palavra e gesto. Por isso também havia sempre um ambiente de festa. O ritmo e

musicalidade típicos daquela zona do mundo invadiam as ruas e também a liturgia e as celebrações. A simplicidade e a verdade com que tudo foi feito tornou tudo mais autêntico.

Para os portugueses esta foi uma JMJ muito especial, com a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima sempre presente, com os nossos Bispos e governantes a partilharem muitos momentos e, mais importante, porque de lá trouxemos o futuro. #jmjlisboa2022

Cláudia Lourenço



Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Março

3	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
12	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
16	<i>Casa da Palavra</i>	Missa da Comunidade – 18h
17	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
19 a 21		Retiro Online – Quaresma
21	<i>Casa da Palavra</i>	Serão de Revisões e Aprofundamentos – 21h
26	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
29 a 31	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
31	<i>Paróquia C. Grande</i>	Feira da Primavera
31	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h

Abril

3	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
6	<i>Casa da Palavra</i>	Conselho Apostólico Representativo – 10h
6	<i>Casa da Palavra</i>	Missa da Comunidade – 18h
13 a 17		Peregrinação de Jovens a Fátima
14	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
18 a 20	<i>Vale de Lobos</i>	Páscoa em Oração
18 a 20	<i>Paróquia C. Grande</i>	Páscoa Fraternal
25 a 28		Peregrinação de Adultos a Fátima

Maio

5	<i>Paróquia C. Grande</i>	Festa das Flores
8	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
10 a 12	<i>Vale de Lobos</i>	CPM
12	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
18	<i>Vale de Lobos</i>	Núcleo NFVD – 10h
18	<i>Vale de Lobos</i>	Assembleia da Comunidade – 13 h
18	<i>Vale de Lobos</i>	Missa da Comunidade – 18 h
21	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
24 a 26	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
26	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Junho

16	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
18	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
19	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
25 a 27		Retiro Online – Verão
28 a 30	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
30	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h

Julho

7	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
27 a 4 Ago	<i>Oliveira do Hospital</i>	Missão "Alegria do Encontro"

Agosto

4 a 11	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Semana
24 a 31	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Semana (com Colónia)

Setembro

20 a 22	<i>Vale de Lobos</i>	Encontro de Animadores
27 a 29	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_da oração;

_do ministério da Palavra;

_do testemunho de vida evangélica.



Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38º 49' 15''; W 9º 17' 25''

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21

795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com